

# 30 anos de O Bando

## 25 anos de Irmã Rosa

**15 de Outubro – Prémio(s) EDP.** Cada vez mais a indústria, por exemplo do fabrico de carros, utiliza os *invariantes* estruturais para a sua produção. As verdadeiras *variações*, no fim de contas, encontramos-las, talvez, não exclusivamente mas sobretudo, nas criações artísticas. Registei isso de novo na inauguração da exposição dos novos artistas *novos*, no CCB, eram sete os candidatos ao Prémio EDP na sua quinta edição, quase já clássica. Não gostava de figurar no júri, nem na escolha preliminar, nem no ganhador definitivo; de facto, é preferível vagabundear pelas amplas salas no meio de muitos jovens, estudantes ou ex-estudantes de escolas artísticas e afins, fazer o percurso entre os artefactos dos pintores, videastas, fotógrafos, instaladores.

Haverá coisas em comum entre os presentes exponents? Apesar do exacerbado(?) individualismo, reconhece-se algo de colectivo, geracional? Cristina Castro, Diogo Pimentão, João Maria Gusmão e Pedro Paiva, Miguel Rondon, Nuno Ramalho, Rita Sobral Campos em rupturas, algumas criptomaníacas, não encontram os terrenos limítrofes? Achei talvez algumas *placentas* metodológicas afins: arrisco dizê-las? O procedimento técnico é discursivo mas não quer ser perfeitamente acabado e um tanto semanticamente perverso: uma *nova narrativa* subjacente? Atípica? Não prevista? As obras como sequência de anti-modelos? Bem: a exposição é francamente mais agradável e divertida do que esta minha notinha que o paciente leitor acabou de ler (ou não). Vale até 28 de Novembro.



**SOL & SOMBRA**

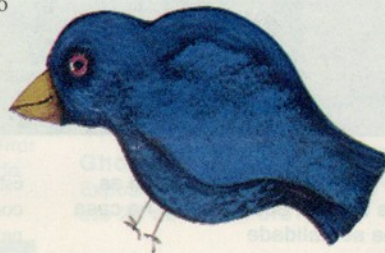
■ JORGE LISTOPAD

Álvaro Campos – 120 páginas – traduzidas pelo excelente poeta Josef Hirsal que, infelizmente, já não viu a edição; Pavla Lidmilová, conhecida lusófila, foi sua assessora linguística. Bonito livro: a versão, evitando vários escolhos, exprimindo o caos e a sua misteriosa ética, a brusquidão e a elegância. O engenheiro Álvaro Campos podia escrever em checo?

Também Pavla L., agora sozinha, traduziu, segundo a sua escolha pessoal, Eugénio de Andrade. O fluxo português do *essencial*, a sua “indizibilidade”, a fenomenologia cultural “da vida e morte no verão”, desafia a língua e a percepção checas? Finalmente, as prosas de Florbela Espanca (Os “Sonetos” já foram publicados, creio, em 1997) interessaram a Maria Havliková (outra tradutora de português) e ao editor *One Woman Press*.

E já que viajamos, de Paris chegou, para mim, o apaixonante *Adieu à quelques personnages* de Joaquim Vital (*Éditions de la Différence*). Retratos melancólicos e pertinentes, deliciosos, belos e surpreendentes, belos trechos de prosa, material precioso, *fotomaton* em negativo e positivo. A generosa galeria de quatro dezenas de personalidades ou personagens, no meio de outras centenas de pessoas, envoltas nas névens da distância, numa espécie de poética segundo a qual tudo o que foi é o texto do espaço e do tempo. Temos ou tivemos, com o autor, alguns amigos ou conhecidos em comum, vistos, por vezes, sob outra luz, noutra circunstância.

Gostaria de completar – talvez um dia – a sua visão sobre o pintor Frantisek Foltýn, figura trágica e cujo destino, o luso-parisiense Joaquim Vital adivinha, mas cujo currículo humano e artístico conheço. Morreu mal, em Brno em 1976.



**23 de Outubro – Rosa, Alice e Francisca.** “A minha irmã nasceu há quatro dias. É muito feia, tem a cara toda às rugas e eu ainda não estou muito certa se gosto dela ou não...”

Várias vezes li, em voz alta e com o meu sotaque pessoal e intransmissível, esse princípio um tanto iniciático do terceiro capítulo, depois de, naturalmente, ter acabado de ler os primeiro e segundo. Foram-me dadas várias gerações de filhos, todos portugueses e, então, a escrita de Alice Vieira, *Rosa, minha irmã Rosa*, pertenceu a todas.

Agora tenho nas mãos a x-edição comemorativa do 25º aniversário da primeira edição. A *Caminho*, o editor, embelezou-a com papel de

qualidade, impressão idem, ilustrações na medida exacta entre o moderno e o clássico de Evelina Oliveira, e pois, se tudo ficou dito, falta apenas esperar alguns momentos para recomeçar o terceiro capítulo porque os primeiro e segundo capítulos já li à última geração, Francisca. “A minha irmã nasceu...”

**24 de Outubro – A Céu o seu.** Coragem (e talento) não falta a Maria do Céu Guerra, dita Céu. Divide o mundo em teatro e não-teatro. No teatro divide a história em três etapas: às vezes representa uma, às vezes outra. Ao domingo realiza todas as três, concede-nos um intervalo para a merenda entre os gregos e os clássicos e, eventualmente, um jantar entre aqueles clássicos e tais brechtianos; enfim, uma deusa com três braços. Céu, parece uma escola do teatro a três apostas, representando uma oferta cujo resultado é pedagogicamente apelativo, artisticamente, como é natural, com tantos textos variegados e mutações de toponímias e com tanto pessoal novo, de momentos altos e menos altos; mas não há dúvida que, com o espectáculo “*Ser e não ser*” abriu-se, no Cinearte, uma exposição vivencial, galvanizadora, tónica, talvez um correctivo útil à programação teatral de Lisboa com pouca memória. ●

**17 de Outubro – Maratona de O Bando**

. Brites de *O Bando* e vice-versa festejam na sua quinta de Palmela (Quinta sem Celebidades...) 30 anos de existência. Como um casamento na Bósnia, o ritual durou não um dia, não dois dias, mas quatro, até o galo vermelho cantar! Se nos colocarmos no plano organizativo, reconhecemos a segura mão

dos que administram uma das mais interessantes empresas teatrais em Portugal. Do lado poético e humano, eis uma ilha, uma metáfora produtiva. Quem não sabe apreciar, não é boa gente.

O teatro que, com a sua novidade, idem orgânica, há anos, dividiu as águas, ainda hoje aparece como novo objecto a vários níveis: na redefinição permanente da função do actor, na instável fruição do texto entre a apropriação e a expropriação, no culto e na cultura do espaço. Em cada nova acção de *O Bando*

há como que um encenado e desejado desequilíbrio de origem, a fim de investigar e transcender.

*O Bando* inspira. Inspira exegetas, amigos, isolados, gente singular, os teatrólogos de formas e estruturas discursivas (e anti-discursivas). Devemos-lhe, nós de fora, mais que um improviso de ocasião ou feira de efemérides.

**18 de Outubro – O Fim.** As imagens das imagens e as imagens das palavras (sic!) do espectáculo “*O Fim*” do grande dramaturgo-poeta António Patrício e de Nuno Nunes, o jovem encenador, espectáculo visto hoje no centro Cultural Franciscano (Largo da Luz, Lisboa-Carnide), a sua construção simbólica surpreendente, obriga-me á primeira informação, para que o público possa, enquanto há tempo, participar e eu pôr à prova a minha escrita menos rápida no próximo J.L. Prometido. Ora, a peça do nosso pesadelo onírico fica em cena até 15 de Novembro inclusive. Volto, pois.

**20 de Outubro – Português checo.** Nas livrarias checas encontram-se, quase em simultâneo, três poetas portugueses ao cuidado de três diferentes editores. Estratégia do acaso? Antologia de

### pequenos prazeres

#### Cristina Norton



**P**ara «gáudio da família», acaba de abrir um restaurante japonês mesmo ao pé da casa de Cristina Norton. A comida japonesa é, aliás, um dos maiores prazeres da escritora argentina, radicada em Portugal há mais de 30 anos. E é um prazer tanto a nível «estomacal» como a nível «espiritual», garante. Tem também a sorte de beneficiar das «especialidades» que são preparadas para «os clientes habituais», no Restaurante Tomo, em Pedrouços. Não sabe os nome dos pratos, pois são difíceis de decorar, mas adora sushi e perde-se em delícias com o salmão ligeiramente grelhado de forma a ficar cru por dentro. Ou com o rolo de carne e pepino segundo a mesma confecção.

Cristina Norton gosta, de resto, de uma boa refeição. Na semana passada, por exemplo, no Seixal, onde esteve numa acção de promoção de leitura e de escrita criativa, provou, num restaurante junto à biblioteca, uns secretos de porco, um polvo à lagareiro e um bacalhau à brás que lhe deixaram boas memórias. «Estava tudo uma delícia, de se desfazerem na boca», comenta. E também ficou encantada com a cidade, achou-a um «lugar muito bonito».

São estas acções que realiza para o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas – a partir das quais escreveu um dos poucos manuais de escrita criativa publicados em Portugal, *Os mecanismos da escrita criativa* – que lhe permitem «andar de um lado para o outro» e aos pouco ir conhecendo melhor o país «lindíssimo» que é Portugal. Para não falar da sua cozinha variada...

No entanto, «a nostalgia estomacal é às vezes muito forte», adianta Cristina Norton. Em Portugal desde os 17 anos, a autora de *O Segredo da bastarda* ainda vai sentido a falta daquela «carne óptima, saborosa e tenra» do seu país. Bem como de um bom vinho branco, de um doce de leite e de outras sobremesas que fazem das refeições no seu país um prazer inesquecível. O problema está no facto de em Portugal, ao nível gastronómico, apenas existirem «tristes imitações». O mesmo já não acontece com outros aspectos da Cultura Argentina, que, na sua opinião, já gozam de grande divulgação, com a realização, mais ou menos sistemática, de festivais de dança, música, cinema e teatro, para além das traduções de autores argentinos. Por isso, enquanto espera que «um argentino venha para Portugal abrir um bom restaurante», vai distraíndo a saudade ao som de Piazzolla.

A música é, de resto, outro dos seus prazeres, a par da leitura. E tem sobre si um profundo efeito revitalizante. «Lava-me o cansaço», garante. É frequente chegar a casa, pôr a tocar um disco de música brasileira ou colombiana, e começar a sentir, passado pouco tempo, «o corpo a abanar na cadeira». Daí a partir para um samba dançado de improviso vai pouco mais de um passo. Mas são os pequenos prazeres «que se renovam diariamente» que mais dizem a Cristina Norton. E são «tantos» que muitas vezes «esquecemo-nos de os aproveitar». É o caso do pôr-do-sol, por exemplo, que tenta ver todos os dias, ou do rio que «está para Portugal como a montanha está para a Argentina». Tudo isto transmite-lhe uma calma imensa. Não esquecendo, claro, «aqueles prazeres inconfessáveis que todos sabemos quais são...» Mas esses já se sabe que não são pequenos.

RICARDO DUARTE

**Cristina Norton, 56 anos, escritora argentina radicada em Portugal, autora dos livros O Segredo da bastarda, O Lázaro do Porto e O afinador de pianos e do manual Os mecanismos da escrita criativa**

ILUSTRAÇÕES DE EVELINA OLIVEIRA